

INTERNACIONAL

De acordo com o Departamento do Trabalho, o Índice de Preços ao Consumidor (CPI) dos Estados Unidos subiu 0,4% em outubro em comparação com o mês anterior, estando acima da média esperada pelos analistas. Na comparação anual, o índice apresenta alta de 7,7%.

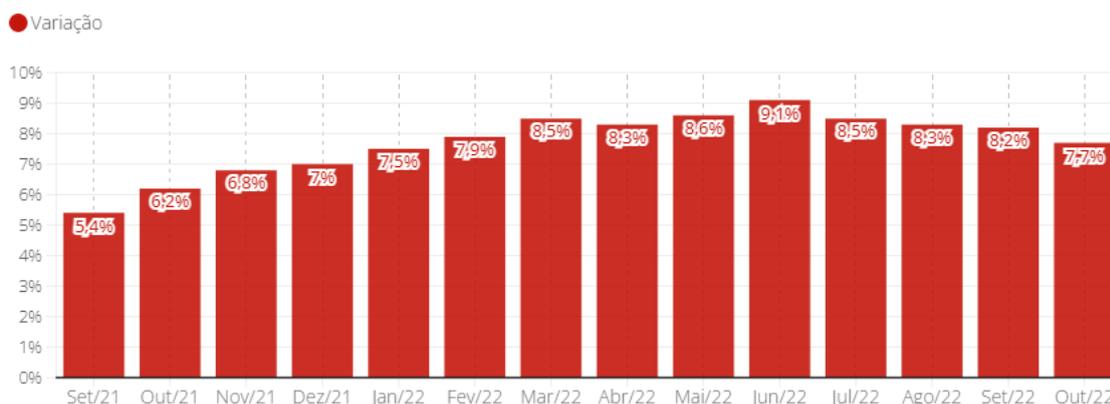
Já o núcleo do CPI, que exclui os alimentos e a energia, subiu 0,6% em comparação com setembro. Na comparação anual, o índice avançou 6,6%.

A inflação americana voltou a ser pressionada pelos preços de energia (1,8%) depois de três meses de queda, com destaque para a gasolina (4%) e diesel (19,8%). Em 12 meses, o índice de energia aumentou 17,6%.

Inflação nos Estados Unidos, acumulada em 12 meses

Na comparação com os 12 meses anteriores

Clique nas linhas para visualizar outros valores



Fonte: Departamento do Trabalho dos Estados Unidos

O Federal Reserve aumentou novamente a taxa de juros dos Estados Unidos em 0,75 ponto percentual, e com isso a taxa de juros ficou na faixa de 3,75% e 4%, e o sinalizou que podem ter futuros aumento.

De acordo com a agência europeia de estatísticas Eurostat, registrou crescimento de 0,2 no Produto Interno Bruto, e houve uma desaceleração em relação ao resultado do segundo trimestre. E a inflação na zona do euro fechou o mês de outubro em 10,7%, batendo um novo recorde de alta da inflação. Destacando que a inflação descontrolada está sendo impulsionada pelos fortes aumentos dos preços da energia, que em outubro houve aumento de 41,9%, contra 40,7 em setembro.

Para tentar conter os altos níveis de inflação, o Banco Central Europeu (BCE) elevou a taxa básica de juros em 0,75%, passando assim de 1,5% para 2,25%, e deixou em aberto a possibilidade de novos aumentos.

Na China, o Índice de Preços ao Consumidor (CPI) mede a evolução dos preços de bens e serviços subiu 2,1% em outubro, diminuindo em relação ao avanço de 2,8% registrado em setembro.

O índice de gerentes de compras industrial da China subiu para 49,2 em setembro, estando acima das expectativas.

As bolsas de Nova Iorque fecharam em baixa no último dia do mês de outubro, em uma sessão com preocupações sobre os riscos de recessão global e observando a continuidade do aperto monetário do Federal Reserve (FED).

O índice Dow Jones fechou em baixa de 0,39%, em 32.732,95 pontos, o S&P 500 recuou 0,75% a 3.871,98 pontos, e o Nasdaq caiu 1,03%, a 10.988,15 pontos.

NACIONAL

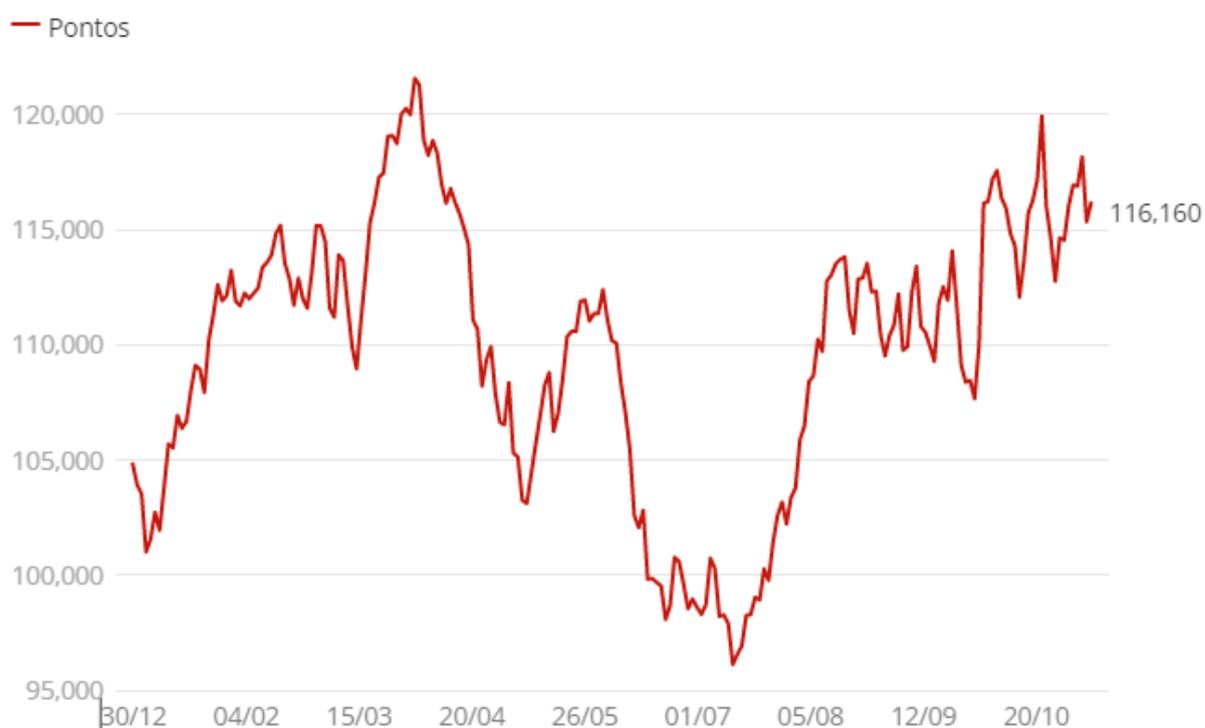
O Ibovespa encerrou outubro com alta de 1,31% aos 116.037 mil pontos. Como resultado, o índice acumula ganho de 5,45%. A alta se deu pelo otimismo dos investidores, existia um medo, principalmente pelos estrangeiros, de que o Bolsonaro poderia não aceitar o resultado das eleições, não entregar o cargo.

Diante disso, o fim da eleição deixa menor espaço para incertezas, e o Brasil vem despertando interesse dos estrangeiros, por ter antecipado o ciclo de alta dos juros.

O dólar encerrou último dia de outubro com queda de 2,54%, e fechou outubro recuando 4,2% na região dos R\$ 5,16.

Variação do Ibovespa em 2022

Pontuação de fechamento



O IGP-M caiu 0,97% em outubro. Como resultado, o índice acumula alta de 5,58% no ano e alta de 6,52% em 12 meses.

O Comitê de Política Monetária (COPOM), deverá manter por um bom tempo a taxa de juros em 13,75%, para alcançar a convergência da inflação para a meta, mas enfatizou que caso a desaceleração da inflação não ocorra como o pretendido, pode voltar a subir os juros.

Foi divulgada a arrecadação do governo federal em agosto, a qual apresentou um crescimento real de 8,2% em comparação com o mesmo mês de 2021 ao atingir R\$ 172,31 bilhões. Além disso, foi o maior valor já registrado para meses de agosto desde o início da série histórica da Receita Federal (1995).

De acordo com o IBGE, a produção industrial de setembro caiu pelo segundo mês consecutivo, em outubro registrou queda de 0,7%, enfatizando a política monetária contracionista exposto pelo

Banco Central com o intuito de controlar a inflação. Entretanto, a indústria acumula queda de 2,4% em 2022.

O dólar apresentou valorização em outubro, ao encerrá-lo com queda de 1,22%. Acumulou queda de 1,7% no mês e de 4,89% no ano frente ao real.

Variação do dólar em 2022

Cotação de fechamento, em R\$

— Dólar comercial — Dólar turismo (sem IOF)



Fonte: Valor Pro

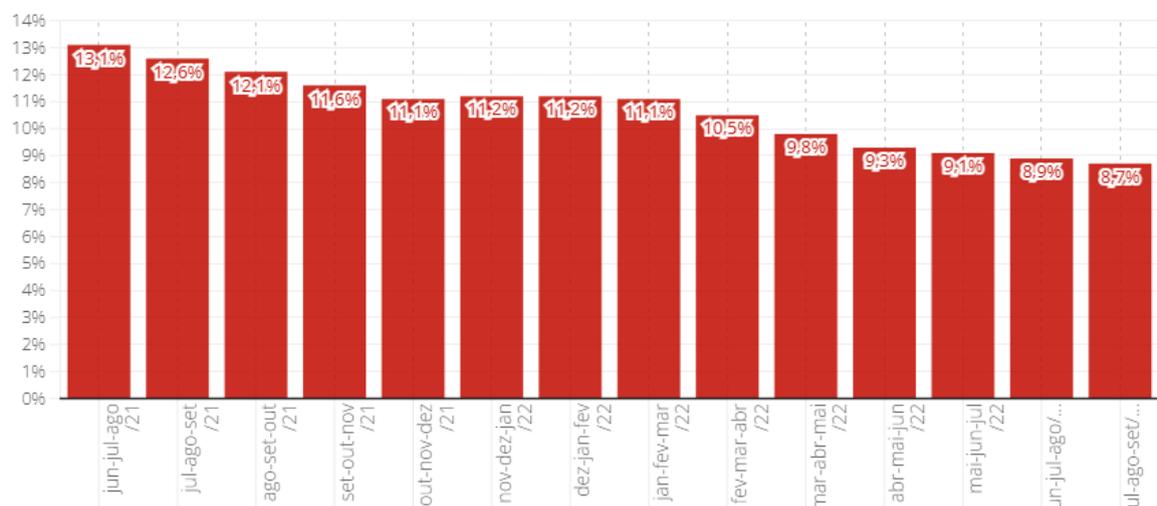
ATIVIDADE, EMPREGO E RENDA

De acordo com o IBGE, a taxa de desemprego caiu para 8,7% no trimestre encerrado em agosto, sendo o menor valor desde o trimestre encerrado em julho de 2015 e a sexta queda consecutiva da taxa. Entretanto, ainda há 9,460 milhões de pessoas que são impactadas pela falta de emprego no Brasil.

Evolução da taxa de desemprego no Brasil Índice no trimestre

Clique nas linhas para visualizar outros valores

● Índice no trimestre



A quantidade da população ocupada bateu recorde, ao registrar 99,3 milhões de pessoas empregadas, o maior valor desde o início da série histórica, que foi iniciada em 2012. De acordo com o divulgado pelo IBGE, as atividades que influenciaram o resultado foram o comércio e a administração pública.

O rendimento real habitual cresceu, pela primeira vez desde junho de 2020, tanto na comparação trimestral (3,7%) quanto na anual (2,5%), chegando a R\$ 2.737. Na comparação trimestre a trimestre, foi a quinta alta seguida.

SETOR PÚBLICO

A Secretária de Comércio Exterior do Ministério da Economia divulgou que a balança comercial de setembro registrou superávit de US\$ 3,10 bilhões, já no acumulado do ano, foi registrado saldo positivo de US\$ 50,82 bilhões. Entretanto, trata-se de uma queda de 11,8% na comparação com o mesmo período de 2021.

No mês, as exportações somaram US\$ 27,3 bilhões, já as importações totalizaram US\$ 23,4 bilhões. A queda nos resultados em outubro em comparação com o mesmo período de 2021, se deu pelo aumento do preço dos produtos exportados. Os destaques setoriais do mês foram: agropecuária, pelo lado das exportações, com o aumento dos embarques de soja e milho, e a indústria extrativa, pelo lado das importações.

INFLAÇÃO

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) registrou alta de 0,59% em outubro, A alta veio após três deflações seguidas - quedas de 0,68%, 0,36% e 0,29%, respectivamente, em julho, agosto e setembro.

Com o resultado, a inflação acumulada no ano chega a 4,7%. Já nos últimos 12 meses, ficou em 6,47%. Em outubro de 2021, a taxa havia sido de 1,25%.

A maior influência no índice geral veio do grupo Alimentação e bebidas, com crescimento de 0,72% e impacto de 0,16 ponto percentual no índice geral. Na sequência das maiores influências estão os grupos de Saúde e cuidados pessoais (1,16% e 0,15 p.p.) e Transportes (0,58% e 0,12 p.p.).

IPCA - Inflação oficial mês a mês

Variação (%) na comparação com o mês anterior

Clique nas linhas para visualizar outros valores



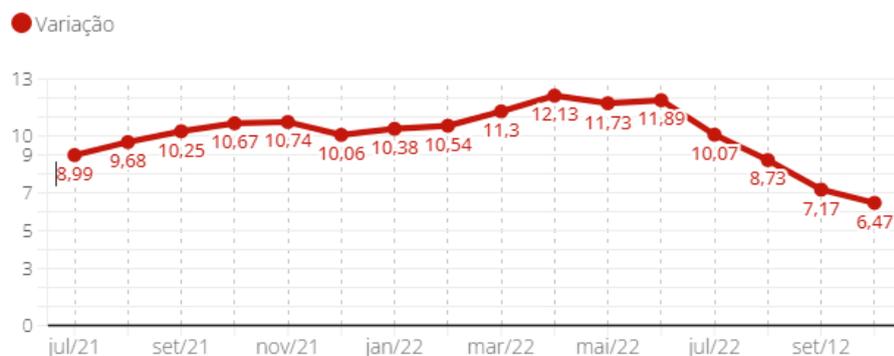
g1

Fonte: IBGE

IPCA - Inflação oficial acumulada em 12 meses

Varição (em %) na comparação com os 12 meses imediatamente anteriores.

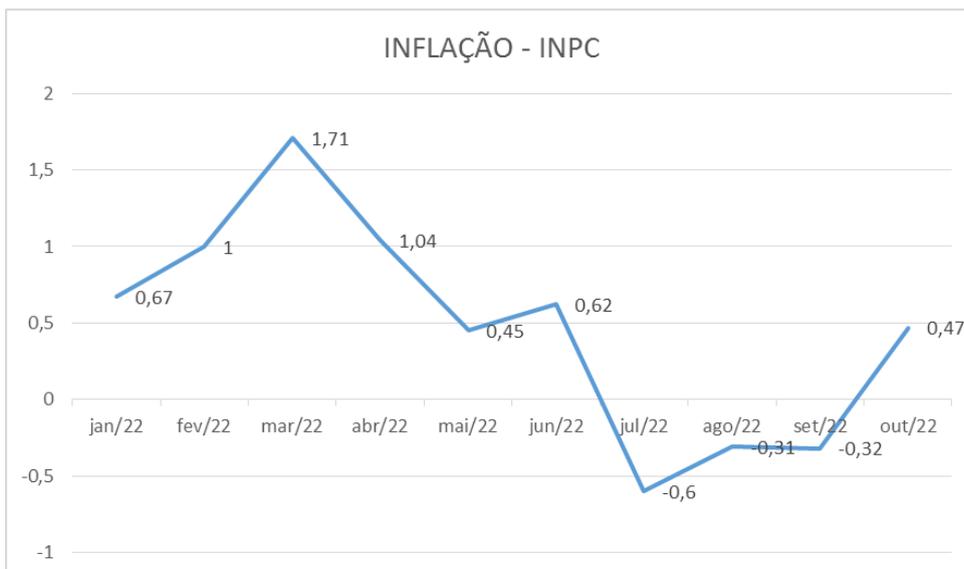
Clique nas linhas para visualizar outros valores



g1

Fonte: IBGE

De acordo com o IBGE, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) subiu 0,47% em outubro. Com isso, o índice acumula aumento de 4,81% em 2022 e aumento de 6,46% nos últimos 12 meses.



PERSPECTIVAS

As perspectivas são de que haja desaceleração da inflação na China nos próximos períodos, tendo em vista que há um baixo crescimento econômico no país, ocasionado pelos recentes lockdowns implementados recentemente em diversas cidades.

Há a expectativa de que o Fed realizará novas altas de juros, o que tende a fazer com que os investidores estrangeiros deixem o Brasil para que obtenham melhores rentabilidades no país norte-americano. Com isso, há uma maior probabilidade de que ocorra desvalorização do real nos próximos períodos. Podendo acarretar no aumento generalizado nos preços dos alimentos.

Para 2023, é esperado que haja um baixo crescimento econômico global, tendo em vista que diversos países estão praticando políticas extremamente contracionista, com a perspectiva de desacelerar o avanço inflação.

CONCLUSÃO

Em análise ao cenário internacional, com as taxas de juros mais altas no EUA tendem a elevar a cotação dólar no Brasil, já que os investidores estrangeiros tendem a deixarem o país.

Nos próximos meses poderemos ter uma desaceleração na economia mundial, tendo em vista que com a elevação da taxa de juros nas principais economias reduz o poder de compra da população reduzindo o crescimento econômico ao redor do mundo.

No Brasil, a inflação volta a abalar os investidores depois de o IPCA mensal ter resultado acima da expectativa, e com o novo presidente da república, há uma grande preocupação no mercado doméstico sobre risco fiscal. Com isso, há um grande receio de ter um gasto além do teto, deteriorando mais a trajetória da dívida pública.

RECOMENDAÇÃO

Quanto a nossa recomendação, sugerimos cautela ao assumir posições mais arriscadas no curto prazo, a volatilidade nos mercados deve se manter ainda sem desenhar um horizonte claro, em razão principalmente pelo nosso cenário político.

Porém, os títulos públicos principalmente na parte curta, além de fundos de vértice, muitos RPPS aderiram por conta da recessão e havendo oportunidades a quem quiser ingressar. Mantivemos a não recomendação de fundos de longuíssimo prazo (IMA-B 5+), 5% em fundos de longo prazo (IMA-B TOTAL E FIDC/ CRÉDITO PRIVADO/ DEBÊNTURE) e 15% em fundos Gestão Duration.

No desempenho de renda fixa, médio prazo além dos índices pês fixados (IDKA IPCA 2A e IMA- B 5) recomendamos também a entrada gradativa em fundos atrelados ao IRF-M, chegando ao patamar de 10%.

Quanto a exposição em curto prazo, recomendamos fundos atrelados ao CDI e ao IRF-M1 na totalidade de 15%.

Recomendamos a aquisição gradativa de títulos privados (letra financeira e CDB), chegando ao patamar de 10%.

Com o COPOM sinalizando a manutenção da taxa de juros se a inflação continuar estabilizada, pode se entender que o mercado está precificando uma queda na taxa de juros a médio prazo, desta forma, que os índices em médio prazo cairão, passando parte da nossa estratégia para pré-fixados.

Recomendamos cautela ao adquirir fundos de investimento no exterior devido ao atual cenário econômico onde há expectativas de alta na taxa de juros, trazendo volatilidade no mercado acionário exterior à curto prazo. Recomendamos a exposição de 10% em fundos que não utilizam hedge cambial.

Quanto a fundos de ações atrelados a economia doméstica recomendamos a entrada gradativa de modo que o investidor fique atento a oportunidades da bolsa de valores, construindo um preço médio mais atrativo.

Para aqueles que enxergam uma oportunidade de investir recursos a preços mais baratos, municie-se das informações necessárias para subsidiar a tomada da decisão.

INVESTIDOR EM GERAL – SEM PRÓ GESTÃO

Estratégia de Alocação dos Recursos no Longo Prazo – Renda Fixa e Variável	
<u>Renda Fixa</u>	60%
Longuíssimo Prazo (IMA-B 5+)	0%
Longo Prazo (IMA-B Total e FIDC/ Crédito Privado/ Fundo Debênture)	5%
Gestão do Duration	15%
Médio Prazo (IRF-M Total)	10%
Médio Prazo (IMA-B 5 e IDKA 2)	5%
Curto Prazo (CDI, IRF-M 1)	15%
Títulos Privados (Letra financeira e CDB)	10%
<u>Renda Variável</u>	30%
Fundos de Ações	20%
Multimercados	7,5%
Fundos de Participações *	0%
Fundos Imobiliários *	2,5%
<u>Investimento no Exterior</u>	10%
Fundos de Investimentos no Exterior (Hedge)	0%
Fundos de Investimentos no Exterior	10%

* Aos clientes que investem em Fundos de Participações e Fundos Imobiliários em percentual superior a 2,5% em cada, reduzir a exposição aos Fundos de Ações na proporção desse excesso.

PRÓ GESTÃO NÍVEL 1

Estratégia de Alocação dos Recursos no Longo Prazo – Renda Fixa e Variável	
<u>Renda Fixa</u>	55%
Longuíssimo Prazo (IMA-B 5+ e IDKA 20A)	0%
Longo Prazo (IMA-B Total e FIDC/ Crédito Privado/ Fundo Debênture)	5%
Gestão do Duration	15%
Médio Prazo (IRF-M Total)	10%
Médio Prazo (IMA-B 5 e IDKA 2)	5%
Curto Prazo (CDI, IRF-M 1)	10%
Títulos Privados (Letra financeira e CDB)	10%
<u>Renda Variável</u>	35%
Fundos de Ações	25%
Multimercados	5%
Fundos de Participações *	2,5%
Fundos Imobiliários *	2,5%
<u>Investimento no Exterior</u>	10%
Fundos de Investimentos no Exterior (Hedge)	5%
Fundos de Investimentos no Exterior	5%

* Aos clientes que investem em Fundos de Participações e Fundos Imobiliários em percentual superior a 2,5% em cada, reduzir a exposição aos Fundos de Ações na proporção desse excesso.

PRÓ GESTÃO NÍVEL 2

Estratégia de Alocação dos Recursos no Longo Prazo – Renda Fixa e Variável	
<u>Renda Fixa</u>	50%
Longuíssimo Prazo (IMA-B 5+ e IDKA 20A)	0%
Longo Prazo (IMA-B Total e FIDC/ Crédito Privado/ Fundo Debênture)	5%
Gestão do Duration	10%
Médio Prazo (IRF-M Total)	10%
Médio Prazo (IMA-B 5 e IDKA 2)	5%
Curto Prazo (CDI, IRF-M 1)	10%
Títulos Privados (Letra financeira e CDB)	10%
<u>Renda Variável</u>	40%
Fundos de Ações	30%
Multimercados	5%
Fundos de Participações *	2,5%
Fundos Imobiliários *	2,5%
<u>Investimento no Exterior</u>	10%
Fundos de Investimentos no Exterior (Hedge)	5%
Fundos de Investimentos no Exterior	5%

* Aos clientes que investem em Fundos de Participações e Fundos Imobiliários em percentual superior a 2,5% em cada, reduzir a exposição aos Fundos de Ações na proporção desse excesso.

PRÓ GESTÃO NÍVEL 3

Estratégia de Alocação dos Recursos no Longo Prazo – Renda Fixa e Variável	
<u>Renda Fixa</u>	40%
Longuíssimo Prazo (IMA-B 5+ e IDKA 20A)	0%
Longo Prazo (IMA-B Total e FIDC/ Crédito Privado/ Fundo Debênture)	5%
Gestão do Duration	5%
Médio Prazo (IRF-M Total)	5%
Médio Prazo (IMA-B 5 e IDKA 2)	5%
Curto Prazo (CDI, IRF-M 1 e CDB)	10%
Títulos Privados (Letra financeira)	10%
<u>Renda Variável</u>	50%
Fundos de Ações	40%
Multimercados	5%
Fundos de Participações *	2,5%
Fundos Imobiliários *	2,5%
<u>Investimento no Exterior</u>	10%
Fundos de Investimentos no Exterior (Hedge)	5%
Fundos de Investimentos no Exterior	5%

* Aos clientes que investem em Fundos de Participações e Fundos Imobiliários em percentual superior a 2,5% em cada, reduzir a exposição aos Fundos de Ações na proporção desse excesso.

